

Refugiados políticos do Vietnã



Chaolin estava procurando relembrar o tempo em que vivera num país sem guerras. Não conseguia. As lembranças mais distantes estavam ligadas às mensagens de medo e violência transmitidas tanto por seus familiares, como pelas notícias de jornal, rádio e televisão.

Era uma mulher frágil, de olhos grandes e redondos e cabelos lisos, sedosos e fartos. Desde pequena usara longas tranças feitas com vigor e capricho pelas mãos fortes de sua mãe, uma mulher que chefiara os negócios de uma família de produtores de arroz.

Para ela, a guerra fazia parte do cotidiano. Justificava-se pela presença das forças comunistas que dividira o país em dois, especialmente depois dos anos 50, quando o confronto entre capitalismo e socialismo se acirrara estimulado pelo fetiche que o contato com produtos e tecnologias mais avançados do Ocidente provocara no imaginário daquela população. Ela não se esquecia do rádio e da televisão, quando a mãe os comprou de um importador americano.

Já haviam decorrido mais de trinta anos e a cena ainda era nítida em sua memória. Parecera-lhe, naquele momento, que o conforto e a segurança seriam eternos. Mas, agora que se preparava para partir, percebia como tudo era efêmero. Nada mais restara da fortuna obtida pela família. Entretanto, já havia muitos de seus compatriotas espalhados pelo mundo. Vários seguiram para o Japão, mas a grande maioria estava em Hong Kong. Existiam ainda grupos em Macau, Cingapura e em outras tantas regiões da Ásia.

Phi Lu chegou correndo para avisar que o dono do bote que as levaria para Vung Tau estava esperando na entrada da casa.

- Nunca pensei em ser refugiada – disse Chaolin. – Nossa casa tão bonita ficará abandonada e não vamos mais retornar a esse lugar sagrado.
- O que importa é ser livre e sobreviver – disse Phi Lu. – Depois, pode ser uma rica experiência conhecer outros lugares e pessoas. Você tem certeza de que os comunistas são mesmo violentos?

- Não sei, mas, para terem vencido os americanos, devem ser bem ferozes. Em todo o caso, nós os odiamos por tantos anos que não poderemos viver sob seu poder.
- Esse é o problema. O poder afasta as pessoas, quebra a solidariedade e impede que as diferenças sejam respeitadas e nos enriqueçam.

Pensou que a prima era muito sábia, pois sempre colocava uma questão importante para ser refletida. De fato, como poderiam seguir para um lugar desconhecido e se sentirem mais seguras do que com seus parentes?

- Chaolin, você já ouviu falar da ilha de Galang?
- Não, do que se trata?
- Ela foi procurada como refúgio pelos vietnamitas que aí aportaram depois da Segunda Guerra. Mas, quando desembarcaram, os barcos foram destruídos e eles ficaram encarcerados nesse lugar.
- A quem pertencia a ilha?
- Primeiro a Cingapura. Depois passou para o domínio inglês. Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, foi dominada pelos japoneses e transformada em campo de prisioneiros. No fim da guerra, virou prisão para os japoneses derrotados.
- Mas, e hoje?
- Ela é uma prisão para nossos refugiados. Isso só passou a acontecer em 1970. Hoje, a maioria dos prisioneiros são vietnamitas. São mais de 5 mil pessoas – explicou Phi Lu, que não conseguia entender as razões das migrações.

Cada um deixando seu lugar, buscando novas experiências e fortunas, fugindo, sendo expulsos. Um sentimento permanente de perseguição, de perda, de ausência. Pensava que o mundo deveria ser usado pelas pessoas para a sobrevivência, para o prazer e felicidade. Que os contatos entre os povos e as pessoas de diferentes lugares deveriam ser por afeto, conhecimento e trocas de experiências. De fato, ela queria que no futuro as pessoas fossem assim. Um novo mundo deveria ser construído, menos voltado para os poderes e fortunas individuais e mais para a felicidade de todos. Mas, de certo modo, sabia também que muitos dos refugiados saíam em busca de um mundo melhor.

Chaolin também estava aprendendo um novo modo de ser e ficava imaginando como seria um mundo sem fronteiras.

- Cada uma de nós terá de pagar alguns dólares para embarcar. Será que poderemos levar uma pequena bagagem? Gostaria de levar os livros sagrados de nossa família, roupas e um pouco de comida. E você? – perguntou Chaolin à prima.
- Não sei, estou sentindo um grande aperto no coração. Não gostaria de ir. Vamos ficar?
- Não podemos. Faça um esforço e separe seus pertences. Vamos encontrar nossos primos, pais e amigos.
- Podemos ser livres aqui mesmo – disse Phi Lu. – Basta que tenhamos nosso pensamento

livre. Não vou sair em busca do desconhecido. Prefiro ajudar os que aqui ficaram. Vamos, Chaolin? Fique também!

A pequena mulher saiu com lágrimas nos olhos, sentindo-se ainda mais sozinha com a ausência da prima. Deveria seguir em busca de um ideal de liberdade e fugir daqueles que representaram os inimigos de sua família por longos anos.

FOTO Palavras traçadas na areia por uma vietnamita na praia Vung Tau, Vietnã, 1995.

MAPA n. 3 Migrações vietnamitas e megacidades no Extremo Oriente.

LIVROS BIANCO, Lucien. *Asia contemporânea (Historia universal)*. México: Siglo XXI, 1985, v. 33 ■ HONEY, P. J. *O comunismo no Vietnã do Norte: seu papel na disputa sino-soviética*. Rio de Janeiro: GDR, 1965 ■ LACOUTURE, Juan. *Ho Chi Minh: sua vida, sua revolução*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979 ■ OLIC, Nelson Bacic. *A guerra do Vietnã*. São Paulo: Moderna, 1988 ■ TUCHMAN, B. W. *Marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

FILMES *Corações e mentes* (1974, Peter Davis) ■ *Apocalypse now* (1979, Francis F. Coppola).

VIETNÃ

Durante a Segunda Guerra, o Japão, membro do Eixo, ocupou o território vietnamita, ameaçando o domínio francês. Essa disputa entre as potências beligerantes permitiu que fosse organizado um movimento de oposição – Liga para a Independência ou Viet Minh – contra o jugo colonial francês. Quando os japoneses capitularam, o Viet Minh já possuía um exército poderoso, com amplo respaldo popular. Em 18 de agosto de 1945, a força revolucionária tomou o poder em Hanói, proclamando a independência e instaurando o regime republicano. O imperador Bao Dai abdicou e tornou-se conselheiro do novo regime. Os franceses transformaram a Cochinchina numa república independente e acabaram unindo-a ao Norte do país como Estado Associado do Vietnã, nomeando Bao Dai como chefe de Estado. O país continuaria submisso à França. O Viet Minh não se rendeu, iniciando uma guerra de guerrilhas cada vez mais eficiente. Em 1954, os guerrilheiros tiveram uma ampla vitória quando tomaram Diem Bien Phu. Com o acordo de Genebra, os franceses tiveram de se retirar e as eleições finalizaram o período de lutas internas. Mas os Estados Unidos, que prestavam ajuda à França, instalaram no Sul o regime de Ngo Dinh Diem, violando o Acordo de Genebra de 1956.

Em 1960, uma frente composta por democratas, nacionalistas, socialistas e o grupo de Ho Chi Minh, criou a Frente de Libertação Nacional ou Vietcong, dando início à Segun-

da Resistência contra os sucessivos governos militares de Saigon e contra as tropas americanas (580 mil efetivos em 1969). Foram quinze anos de guerra, com enorme quantidade de bombas lançadas sobre o pequeno país, ultrapassando o montante da Segunda Guerra. Foram feitas experiências com armas químicas e bacteriológicas. Os EUA gastaram, nessa guerra, 150 bilhões de dólares e destruíram 70% dos povoados do Norte e 10 milhões de hectares de terras.

Em 30 de abril de 1975, no entanto, Saigon foi recuperada pelas forças do Vietcong e, em 1976, o território foi reunificado com a instalação da República Socialista do Vietnã. Mas a paz ainda não estaria garantida. Em 1979, a República entrou em guerra contra o Camboja, que reclamava por terras no Vietnã. No mesmo ano foi invadido pela China. Em 1980, novos choques na fronteira com a China mostraram a superioridade militar do Vietnã. Em 1985, o governo libertou os presos políticos e tentou aproximação com a Associação de Nações do Sudeste Asiático e com os Estados Unidos, permitindo o exílio de vietnamitas leais ao governo anterior.